

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Gisele Pires

NA CASA DA VÓ

Tecendo Tempos e Memórias

Porto Alegre

2018

Gisele Pires

NA CASA DA VÓ

Tecendo Tempos e Memórias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Nunes Camargo

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Helena Araújo Rodrigues Kanaan

Prof.^a Dra. Laura Gomes de Castilhos

Porto Alegre

2018

Dedico este trabalho à minha família, a base que me deu e me dá condições de traçar meu caminho, que sempre me nutriu com muito amor, alegrias, união e incentivo, me proporcionou importantes e memoráveis experiências, e a qual eu ainda vejo crescer, tanto em membros como em afeto.

Agradecimentos

Agradeço à minha família, meus avós maternos Edemundo J. Canale (*in memoriam*) e Olívia G. Canale, que são pessoas de extrema importância e presença na minha vida e nas minhas memórias; à minha mãe Eliana, que é força e amor incondicional da cabeça aos pés, que até hoje me conforta com seus colinhos, me ajuda e incentiva a crescer, e é minha cúmplice e parceira em tantos momentos; ao meu pai Miguel, por sempre me apoiar e incentivar a seguir meus sonhos; ao meu irmão Rodrigo, por ser parceiro na infância e na vida adulta (e por me dar, junto com a Lili, o sobrinho-afilhado mais abençoado desse mundo: Joaquim). Aos meus primos e amigos de infância, por criarem comigo tantas lembranças gostosas, aos amigos que seguem comigo, e aos que conquistei nos últimos anos e que me dão força para seguir. Ao Wagner, pelo companheirismo, cuidado, apoio e sua casa-lar que tranquiliza e inspira. Agradeço também ao meu orientador, o professor Carusto, por todos os ensinamentos aos longo desses anos, por me acompanhar na minha caminhada, por toda a compreensão e infindável paciência durante todo o processo, pelo carinho e apoio.

Resumo

Em *Na Casa da Vó, Tecendo Tempos e Memórias* realizo um trabalho artístico a partir das memórias e de objetos que se relacionam com minha história pessoal, familiar, afloradas e encontrados em percursos mais variados, articulados em diferentes tempos e meios. Pesquiso de que maneira essas memórias podem se transformar em matéria artística, as influências, referências e interferências da memória nos espaços transitados e nas formas de (vi)ver as coisas, que interligam o passado ao presente. Uma absorção mais sensorial, orgânica e afetiva dos lugares e suas ambiências, por meio da deambulação e da observância, do olhar e do corpo nômades. Tendo como objetivo realizar uma “ligação” entre vidas, lugares e tempos distintos, gerando uma produção visual que materialize estes sentimentos/sensações/memórias. Como um inventário de memórias.

PALAVRAS-CHAVE: arte; memória; afeto; autobiografia; percurso.

Abstract

In *Na Casa da Vó, Tecendo Tempos e Memórias* (At my grandmother's house, weaving times and memories) I make an artistic work from the memories and objects that are related to my personal and familiar history, surfaced and found in more varied paths, articulated in different times and means. I research and look at how these memories can transform themselves into artistic matter, the influences, references and interferences of memory in the spaces transited and in the ways of living/seeing things, which interconnect the past with the present. A more sensory, organic and affective absorption of the places and their ambiances, by means of ambulation and observance, of the nomadic look and body. Aiming to make a connection between different lives, places and times, generating a visual production that materializes these feelings/sensations/memories. As an inventory of memories.

KEYWORDS: art; memory; affection; autobiography; route.

Sumário

Inventário de Memórias	07
A Viajante	08
Influências/Disparadores	11
Produções	
<i>Lembranças Peneiradas ou Memórias ao Vento</i>	15
<i>Relicário</i>	17
Mary Lucier (Encontros artísticos)	18
<i>Retalhos</i>	22
José Rufino (Encontros artísticos)	28
<i>Correspondências Finais</i>	31
Referências Bibliográficas	33

Inventário de Memórias

Este trabalho tem como tema a memória, a família, o corpo, o percurso – percorrido e de vida -, presença, influências, referências e interferências da memória nos espaços transitados e nas formas de (vi)ver os os momentos.

Parto (d)as referências afetivas que, através da evocação da memória, se relacionam com o presente. Fotografias, músicas, paisagens, costumes, cheiros, sensações que nos remetem à outros lugares, outras épocas, outras vidas/pessoas, que, em conjunto, moldam nosso cotidiano, a nossa essência. O observar-se e observar o meio, o outro, o outro em mim, tudo e todos que vieram antes, até chegarmos aqui. As adaptações ao longo dos anos, as mudanças, e o que não muda. O que luta para manter-se vivo, o que flui naturalmente, evolui, o que se extingue por diferentes razões. Criar ou simplesmente desfrutar de um ambiente onírico, onde se pode reviver, recriar momentos e sensações, reinventadas com os fragmentos das memórias. O perceber-se, conhecer-se. Deparar-se com estes elementos nos fazem acessar uma espécie zona remota, que está ali, mas permanece inativa, em sigilo, sem esses estímulos que a façam aflorar.

Os espaços de memória que cruzamos, física ou sensorialmente, ativam os espaços e criam brechas que nos remetem ao passado, E, sendo assim, aquilo que já passou retorna em nova forma, ressignificado no contexto do momento, estando o passado agora presente também. A forma como vivemos cada um desses momentos deixa marcas, e revivê-los intensifica ou ressignifica sua importância. O cheiro do pão assando na infância, que atiçava a fome, depois vira um recuerdo que acalanta o coração e coloca um sorriso no rosto, pela lembrança daquele tempo bom, daquela pessoa que proporcionava esse momento. Agora assamos nosso próprio pão, e talvez algum dia esse cheiro delicioso de pão assando vai trazer um aperto no coração, pela ausência da matriz dessa memória, mas que virá nos visitar no vapor quentinho e cheiroso que circula pela casa. O passado se fazendo presente. A memória ganhando novo significado, gerando novas sensações, mostrando que não se vive duas vezes o mesmo momento, mudamos a todo instante, ainda que tão sutilmente.

A viajante

Muitas viagens e mudanças marcaram e demarcaram momentos e territórios. As viagens em família, frequentes na infância e adolescência, viagens com amigos e amores, e as viagens que fiz sozinha. Algumas que duraram dias, outras que duraram anos.

Ir para a praia sozinha passar o final de ano, de barraca nas costas e coração aberto, e voltar pra casa três meses depois, com quase dez mil quilômetros percorridos por quatro países da América Latina, contabilizando sete mil quilômetros feitos à dedo (pedindo carona nas estradas). Maior que a quilometragem foram as experiências e o crescimento, os amigos que fiz, os desafios e as superações. Esse histórico viajante me proporcionou realizar meu maior sonho de vida até então: viajar pela Europa. Mais que isso, pude morar lá por um ano e meio. Conhecer lugares e culturas, e me re-conhecer.

Caxias do Sul, Fortaleza, Porto Alegre, Florianópolis, Granada foram cidades onde criei meus lares, minha história e memórias. Alguns em família, alguns entre amigos e alguns sozinha. Essa trajetória agrega também uma viagem interior, talvez a viagem mais significativa. Que não se finda e se intensifica a cada percurso percorrido, geográfica ou espiritualmente.

Através do deslocamento urbano, na cidade e entre cidades, inclusive de diferentes países, esses espaços de memória são ativados tanto pela própria memória que “busca” estar presente, em se mostrar em algum objeto, planta, som, como pelo que está presente e nos remete à alguma lembrança. Presente e passado: uma via de mão-dupla.

A união de um acervo pessoal e de pesquisas de campo, as quais fiz por meio de deambulações¹ e experiências pela cidade de Porto Alegre, originaram esta produção. Deixando-me levar pelas sensações, pelos ruídos ou pelo silêncio, pelas ambiências encontradas, visando destacar, ao menos por um instante, paisagens, lugares “banais”, zonas inconscientes do cotidiano, que remetessem à lembranças pessoais e também interpessoais, aflorassem a nostalgia daquilo que já passou, mas de alguma forma ainda se faz muito presente.

Eu não tinha ideia que estava, efetivamente, construindo um percurso. Sentia estar, basicamente, coletando material para um determinado trabalho, ainda bastante confuso na minha cabeça. Ao longo do tempo/processo/percurso, com a “bagagem” pesando mais, fui percebendo e moldando melhor a forma, conceito que este trabalho tomaria. O projeto inicial, muito distinto do trabalho final, acabou servindo de base para a execução deste. Foram meses, semestres, vagueando corpo e mente, até me encontrar, ver de forma clara o que eu realmente queria e precisava externalizar.

Como forma de pesquisar e coletar material, foram utilizadas técnicas mistas, dentre elas registros escritos, fotografados, desenhados, pintados, resinados, das experiências e memórias, para descrever e reproduzir as ambiências, as sensações afloradas nos percursos e momentos (tanto pelos cinco sentidos, como pelo próprio “sentir”), as mudanças de trajeto ou de olhar, a análise afetiva da cidade e de seus recantos. As perambulações despreziosas (ainda que tivesse a pretensão dessa análise afetiva) pela cidade foram ocorrendo de forma espontânea. Sem, necessariamente, pontos de partida ou chegada específicos, nem duração. Seguindo aquilo que gerou inquietudes aos sentidos/sentimentos.

Foram coletadas folhas, flores, galhos, raízes, sementes, frutos, terra e objetos destes lugares, que fazem uma relação mais visual e tátil das memórias. Livre para fazer aquilo que o “sentir” achou necessário fazer em cada local, para uma análise mais orgânica e pura. Estes registros e coletas integram e interagem com meu acervo pessoal, que guarda lembranças materiais, como fotos, roupas, objetos, que ajuda a fazer essas relações se

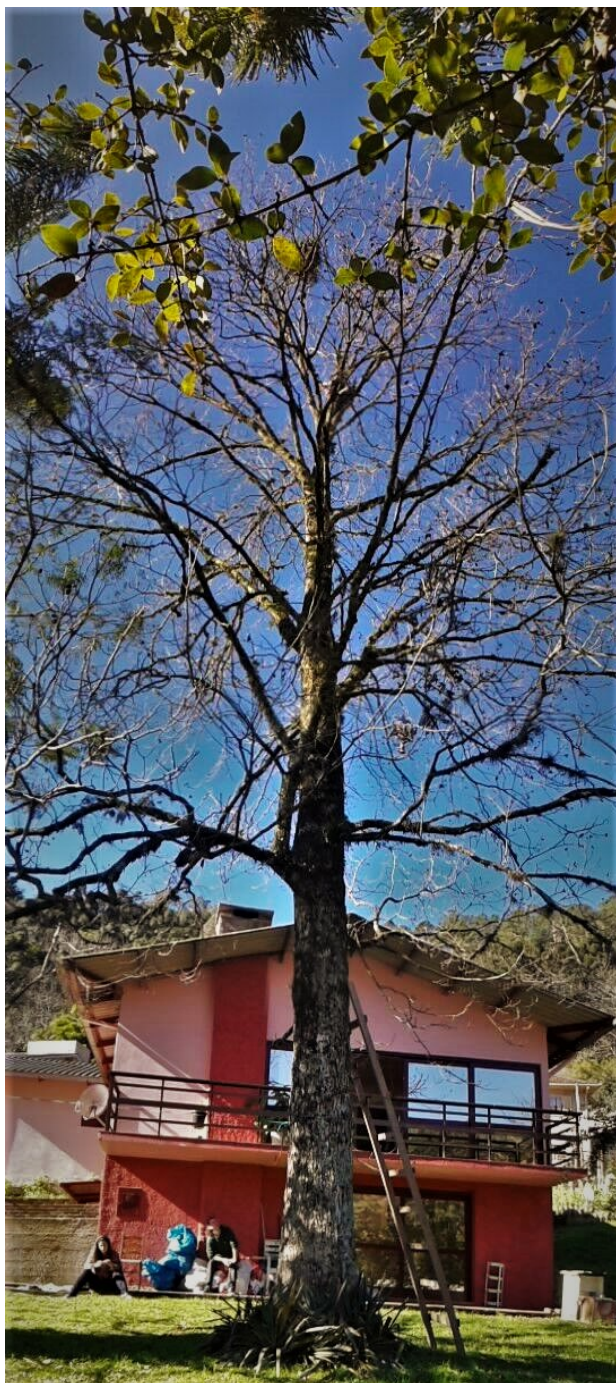
¹ Deambular: Vaguear ou passear; andar sem rumo certo; caminhar sem destino; passear sem direção determinada. Sinônimos: perambular, divagar, flunar.

tornarem mais visíveis ao espectador: memórias pessoais que fazem parte não só da nossa vida, mas que estão, de alguma forma, presentes na memória de outras pessoas também. Interação, sentimentos de empatia, reconhecimento e pertencimento. Somos caminhantes,

(...) cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se vêem(...). Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade. (...) As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços. (CERTEAU, 2002, p. 171)

Influências

Na casa defronte de mim e dos meus sonhos, Que felicidade há sempre! (PESSOA, 1944, p. 56).



Durante todo o processo, e mesmo antes, foi tornando-se mais intensa a minha percepção sobre as influências da minha família, desde quando eu era muito pequena, sobre toda a minha vida até então, minha formação e desenvolvimento de caráter e personalidade, de preferências, costumes, de forma de viver, e como eu fui me “construindo” através de minhas próprias experiências juntamente a todo o conhecimento que me foi passado ao longo dos anos, e ainda é, mesmo que de forma passiva ou subliminar. A ancestralidade² familiar presente em vários momentos, ações, costumes e pensamentos.

Nos últimos anos, quase como um exercício diário, tenho me observado muito, as ações, reações, desejos, memórias, hábitos, medos, perturbações, e analisado o tanto de influências externas que tem em cada passo dado. O que é realmente necessário manter? O que não faz parte de mim, efetivamente (ou afetivamente)?

² Ancestralidade: particularidade ou estado do que é ancestral (que se refere aos antepassados ou antecessores). O que se recebeu das gerações anteriores; hereditariedade. Na religião *yorùbá*: a vida não se finda com a morte, é o processo divino de continuidade da vida. Somos o resultado de milhares de anos de acontecimentos, de milhares de pessoas que estão em nossas células, incorporadas. Herança biológica, psicológica e espiritual.

E fazendo essa análise de vida, percebo a imensa presença de minha família, especialmente de meus avós maternos. Não apenas a presença física, mas a presença deles no meu ser, naquilo que eu sou, nas minhas escolhas e costumes. E de como a casa deles foi e é cenário de muitos dos momentos que proporcionam essas presenças, essas memórias. E sinto isso como algo lindo, que, ao mesmo tempo que dá fortes raízes, é o vento nas asas pra ir em busca dos anseios pessoais. Como escrevi outrora em uma longa carta para minha avó Olívia, quando eu morava em Granada/Espanha, após um dia perambulando sem rumo pelos tranquilos bairros que me eram novos, escutando ópera nos fones de ouvido, e me emocionando ao me deparar com uma horta que me lembrou a dela, e que na fachada estava justo escrito, em azulejos “*el huerto de la abuela*”³: Tu estás mais presente do que imaginas.

Na noite desse mesmo dia, abri e li a cartinha que ela me havia entregue um mês antes, na véspera da minha partida. Nela continha a letra da música Granada⁴, do mexicano Agustín Lara, a qual na infância ouvíamos muito na vitrola na voz de tenores italianos e, por causa da minha viagem à cidade que deu nome à canção, ela cantou pra mim no meu almoço de despedida. Me emocionei ao ler a carta tanto quanto ao ouvi-la cantar. Mas nesse momento ela não estava lá para rir de mim por me fazer chorar de emoção mais uma vez. Os anos se passaram, e eu ainda choro quando ela canta pra mim.

³ *el huerto de la abuela (espanhol)*: a horta da avó

⁴ Granada, tierra soñada por mí, mi cantar se vuelve gitano cuando es para tí. Mi cantar hecho de fantasía, mi cantar flor de melancolía que yo te vengo a dar. Granada, tierra ensangrentada en tardes de toros. Mujer que conserva el embrujo de los ojos moros; Te sueño rebelde y gitana, cubierta de flores. Y beso tu boca de grana, jugosa manzana que me habla de amores. Granada manola, cantada en coplas preciosas. No tengo otra cosa que darte que un ramo de rosas, de rosas de suave fragancia que le dieran marco a la virgen morena. Granada, tu tierra está llena de lindas mujeres, de sangre y de sol. Granada, Agustín Lara, México (1897-1970)



El huerto de la abuela. 2015. Fotografia. Arquivo pessoal

O que eu não imaginava, é que exatamente um ano depois desse dia, eu teria mais uma "visita" da minha avó. Ao subir a Sierra Nevada, parei no meio do caminho para desfrutar da neve e fazer uma dupla de bonecos de neve com um espanhol que eu havia conhecido há apenas um dia, e nomeamos um a criação do outro: o teu tem cara de... Arsch!! e a minha?, questionei. - Olívia!, respondeu ele. Eu, surpresa, perguntei: eu já tinha te dito que esse é o nome da minha avó? Diante da resposta negativa, o momento se tornou mais mágico e simbólico. Fiz questão de registrar em foto e vídeo. Hoje em dia, após derreteram, Olívia e Arsch já devem ter virado nuvem, chuva, riacho, e até mar.



Olivia y Arsch, los mafiosos de Sierra Nevada. 2016. Fotografia. Arquivo pessoal

Sempre tive e me referi à casa dos meus avós maternos como *meu paraíso na Terra*. Lá é a minha casa, o meu lar, o meu abrigo. Mesmo morando em diferentes casas, cidades e países, minha referência de casa-lar sempre foi essa. Ainda é. É lá que eu me sinto completamente em casa. Me sinto completamente pertencente, energizada, nutrida. Em tantos lugares que já passei, que fiz morada, que criei meus próprios lares, sempre tive uma busca, mesmo que inconsciente, de representar a casa deles, nem que fosse com um singelo vasinho de flores silvestres em cima da mesinha da sala ou do fogão, ou enchendo a casa de plantas e hortinha de temperos, ou cozinhando pra todo mundo que morasse junto ou visitasse. Como um artifício para propagar as memórias e para sentir-se abrigada, aconchegada.

Seria essa a minha “casa inolvidável⁵”, que Bachelard se refere em *A poética do espaço*:

(...) é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. (...) Somos o diagrama das funções de habitar aquela casa e **todas as outras não são mais que variações de um tema fundamental**. A palavra hábito é uma palavra usada demais para explicar essa ligação apaixonada de nosso corpo que não esquece a casa inolvidável. (BACHELARD, 1978, p. 200 e 207. Grifo meu.)

⁵ Casa inolvidável. *Inolvidable* (espanhol): inesquecível.

Lembranças Peneiradas ou Memórias ao Vento

Quando eu era pequena, estávamos sempre na casa do vô e da vó. A casa grande, a sacada imensa com vista pras montanhas cobertas de mata virgem, o pátio com a grama bem cuidada, árvores, as nogueiras que foram protagonistas de muitos momentos, frutas, pássaros, insetos, sol e sombra, a horta sempre proporcionando alimento fresco, saboroso e saudável para as refeições. A íngreme rua de paralelepípedo, até hoje, tem matinhos que crescem entre as pedras. Tenho a nítida lembrança do *nonno* Edemundo com a rede estendida no chão, coberta de milho secando ao sol pra depois virar aquela pipoca maravilhosa, bem branquinha e macia, ou então dele batendo com uma madeira e peneirando o feijão, depois de passar seu tempo secando ao sol, pra tirar as pedrinhas e as cascas que sobravam. Me encantava com aquele ritual, com a destreza dele ao jogar os grãos pro alto, as cascas voando pelo pátio, e os grãos caindo de volta na peneira, por repetidas vezes. Quando a gente pedia pra tentar fazer, só dava bagunça! Assim como a vó Olívia, depois de tostar o amendoim, também da horta, soprando as casquinhas, que pareciam mini borboletinhas aleteando pelo ar até caírem na grama, e que iriam virar deliciosos docinhos para algum aniversário. Estas são umas das lembranças mais remotas que tenho dos meus avós. Que desencadeiam muitas outras.

Num processo de conversa com amigos, colegas e familiares, e até de relatos aleatórios de gente desconhecida pelos lugares, também fui coletando essas lembranças que carregamos, e outras que são despertadas por coisas cotidianas. Costumes que temos e mantemos, que herdamos, que adaptamos. Um pedacinho dos que vieram antes que segue com a gente, presentes conscientes ou inconscientemente.



Lembranças Peneiradas. 2018. Peneira de madeira e arame, linhas e papel. Detalhe.⁶ Arquivo pessoal

⁶ A base fixa e sólida da peneira representa o *nonno*, e as linhas flexíveis e esvoaçantes, que sustentam as lembranças, representam a *vó*.

Essas lembranças vividas e verbalizadas foram transcritas em sucintas frases, representando o passado e o presente, em pedaços de papéis tingidos com elementos que eram e ainda são de nosso uso, como chás, café, temperos, alimentos, terra. Pendurei-os em uma peneira, como a que o *nonno* usava para peneirar os grãos, por fios que remetem à avó costureira, sempre envolvida com suas modelagens e invenções, tecidos, fios, linhas, agulhas, giz, máquinas, criando lindas e exclusivas prendas para as vizinhas do bairro.

Com ela também aprendi a costurar, a criar, a tentar e inventar, sempre admirando a perfeição no seu trabalho, e buscando encontrar a minha identidade nisso.

“Linha, lã, bordado e rendas. Quando o meu amor chegar. Traço um céu cheio de estrelas para em meu colo morar. Trago em cheiro de alfazema este presente a lhe entregar. Nas voltas deste manto, eu te faço um canto ao chegar.”⁷

Relicário

Relicário: lugar destinado para guardar ou proteger coisas preciosas e/ou relíquias.

Criei uma espécie de relicário que hospeda os elementos coletados pelas ruas da cidade, pelos parques, nas visitas à casa da avó, e outros objetos pessoais, que fizeram e fazem parte das nossas vidas, como o grão e o moedor de café, o favo de mel, sementes, chás, flores, fotos, livros, lápis de cor, imagens. Deparar-se com estes elementos me fazem acessar uma espécie zona remota, que está ali, mas permanece inativa sem estímulos que a façam aflorar.

Abrigados em caixinhas de madeira - levemente queimadas pelo fogo da lareira da sala de estar, como muita lenha que já foi e ainda é queimada nos dias mais frios dos invernos com a intenção de aquecer a casa, os pés e reunir a família - esses elementos e objetos ficam dispostos aleatoriamente. Ao mesmo tempo que parecem estar limitados pelas caixas, também partilham do mesmo lugar: uma mesa coberta com a colcha de crochê da avó, o lençol antigo, a toalha de mesa usada nas ocasiões festivas, a rede onde brincávamos ou descansávamos... Sobre essas “camadas de memória”

⁷ *Olívia*. Paola Kirst: Costuram que me bordam marcas na pele, 2018.

criadas com a sobreposição dos tecidos, se misturam os cheiros, as texturas, as cores, as lembranças emanadas por esses elementos, juntamente com objetos do cotidiano, mas que carregam consigo muita história.



Relicário. 2018. Detalhe da montagem. Caixas de madeira, elementos orgânicos, objetos, fotos, livros, cartas. Arquivo pessoal.

Café: grão de cheiro inconfundível, com o poder de reunir as pessoas à sua volta. Chá: poção mágica para se ingerir e calentar a alma, e essa curar o corpo. Pão: assando alimenta a alma, comendo alimenta o corpo. Mel: medicina adocicada feita da essência das flores que as abelhas preparam nas suas barriguinhas listradas. Colméia: a casa, a fábrica e a vendinha das abelhas. Horta: Terreno onde se cultiva amor em formato comestível. Penas: são as pétalas dos passarinhos. Amendoim: frutos que já nascem enterrados, mas a gente desenterra e os traz à (nossa) vida. Foto: pedaço de papel que abriga um pedacinho de vida. Carta: é conversar com um pedaço de papel; folha que recebe respingos de lágrimas e sorrisos. Desenhar: é escrever sem palavras. Cozinhar: ato de mimar e nutrir ao mesmo tempo. Costurar: criar um envelope humano sob medida. Flor: que alegra os olhos e o ambiente, pode ser planta ou pode ser gente. Balanço: objeto que usamos para nos balançar quando crianças, e nos balança pro resto da vida. Sol: astro que gosta de brincar de esconde-esconde com as nuvens e o horizonte. Lua: brinca de um esconde-esconde mais misterioso, conceitual, quase mágico, nos deixando mais reflexivos e atentos às transições; brinca sempre com o Sol; já tentaram brincar de pega-pega, mas cansaram.

Relicário: lugar destinado para guardar ou proteger coisas preciosas e/ou relíquias. **Memória:** faculdade de reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente; recordação que a posteridade guarda; efeito da faculdade de lembrar; [Artes] monumento dedicado a alguém ou em celebração de uma pessoa digna de lembrança; memorial. **Memórias:** obra literária escrita por quem presenciou os acontecimentos que narra, ou neles tomou parte. **Memória:** do verbo memoriar; fazer memória ou relação de; inscrever. **Corpo:** qualquer substância material, orgânica ou inorgânica; [Brasil] Pop. fechar o corpo, fazer orações e benzeduras para tornar o corpo invulnerável a feitiços; de corpo e alma: completamente, inteiramente. **Órgão:** parte do corpo que preenche uma função necessária à vida; do latim: *orgānum* - "instrumento". **Organicidade:** característica de orgânico, do que se relaciona com órgãos; que se desenvolve organizadamente; organicidade de um sistema. **Anamnese:** recordação vaga; lembrança com escassez de certeza; [Filosofia] Platão. Ato de recordação em que o próprio filósofo redescobre dentro de si suas verdades intrínsecas, e relembra um período anterior à sua existência experimental. **Lembrança:** aquilo que está guardado na memória; o que recorda uma experiência já vivida; o que expressa uma situação já passada; presente; o que se oferece a alguém para felicitar essa pessoa; lembrete; anotação do que não se pode esquecer; o que comprova um fato já passado. **Recordação:** o que traz uma lembrança de alguém, de um lugar, de uma situação; ação ou efeito de trazer à memória.

Definições-guia da memória. 2018. Caneta sobre papel 200g. Arquivo pessoal.

Não há tempo sem um conceito de memória; não há presente sem um conceito do tempo; não há realidade sem memória e sem uma noção de presente, passado e futuro. (...) Memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou). Há algo em comum entre todas essas memórias: a conservação do passado através de imagens ou representações que podem ser evocadas. (IZQUIERDO, 1989, p. 89)

A artista norte-americana Mary Lucier⁸ também aborda muito frequentemente em seus trabalhos a memória, suas persistências e falhas, e a história de vida sua e de sua família, a influência duradoura do passado. Como na instalação *Last Rites* (Positano), de 1995, na qual utiliza fotografias, entrevistas com pessoas da família ou ligadas à ela, monitores de vídeo, alto-falantes e peças de mobiliário da família suspensas, advindas da casa de infância da artista. Essencialmente autobiográfica, a obra é baseada em eventos da vida de sua mãe, que saiu de Ohio para a Inglaterra, onde morava seu filho, casou-se com um alemão, e, depois do nascimento da segunda filha, a família estabeleceu-se ao sul da Itália, em Positano, uma vila de pescadores

⁸ Mary Lucier (1944, Ohio), artista norte-americana. Trabalha principalmente com vídeo e instalação desde 1973.

a qual um dos vídeos projetados faz referência, representando com suas ondas um estado onírico e também a inconstância dos personagens dessa história. Voltando, anos depois, aos Estados Unidos, onde Lucier nasceu.



Last Rites (Positano), detalhe, 1995. Instalação de mídia mista. Acervo Lennon, Weinberg Gallery.

Tal como acontece com a maioria dessas histórias, detalhes e até mesmo fatos cruciais são lembrados de forma diferente, com membros da família oferecendo histórias conflitantes que são fragmentadas, repetitivas e contraditórias. (LENNON, WEINBERG, INC., 1995, p.1)

Na instalação, conforme os espectadores se aproximam dos monitores de vídeo, os sensores de movimento fazem com que as figuras então estáticas na tela se movam. Quando param para ouvir as entrevistas, as fitas caem em silêncio. Mas quando os espectadores se movem novamente, os monitores recomeçam, como se estivessem brincando com a atenção do visitante.



Last Rites (Positano), detalhe, 1995. Instalação de mídia mista. Acervo Lennon, Weinberg Gallery.

Relaciono esse ambiente quase onírico das memórias com meus trabalhos, que também representam a minha história e da minha família materna. Com as fotografias, objetos de memória, elementos que remetem ao que já vivemos, que tentam resgatar os momentos. Como neste trabalho de Lucier, o qual os personagens principais estão, de certa forma, ausentes, incluso ela, eu exponho alguns dos personagens da minha história nas fotografias, mas, de forma geral, eles também não aparecem muito, estão implicitamente representados nos objetos, nas frases, nos livros.

Retalhos



Retalhos. 2018. Detalhe. Monóculos, fotografias e retalhos de tecidos. Arquivo pessoal.

Uma das maneiras mais acessíveis de ativar e preservar a memória são os registros visuais, como fotos, vídeos, desenhos, e os escritos. Uma lembrança é como um sonho: apenas quem a viveu é que sabe como é, mas podendo, também, ser distorcida. Quem nunca teve aquela recordação muito nítida, clara, detalhada, objetiva, e a compartilhou com as pessoas que também teriam vivenciado o momento, e descobriu que aquilo, na verdade, nunca aconteceu? Ou será que aconteceu e a outra pessoa é quem não se lembra? Isso sempre gera confusão, frustração e indagações.

Uma fotografia pode ser a prova de que algo aconteceu de fato. Ela também “ilustra” histórias que nos foram contadas. Como se a pessoa pudesse gravar o seu sonho em vídeo, e depois mostrá-lo ao contar o que ocorreu. Sem as imagens, nós sempre imaginamos um universo, no mínimo, bem diferente do vivido pela pessoa. Ou, também, podemos até mesmo criar narrativas com fotos, montagens, sobreposições, etc.



Processo. 2018. Local original da foto, atualmente. Foto antiga. Fotografia da sobreposição. Arquivo pessoal.

As fotografias são como pequenos retalhos de vida que costuram tempos, lugares e vidas. Ao reunir fotos antigas e sobrepô-las nos mesmos lugares onde foram registradas no passado, tive a intenção de reviver alguns desses momentos, como uma forma de trazê-los para o presente. E ao fotografá-las em lugares distintos das fotos originais, quis realocar as memórias para o local onde eu estava vivendo no momento.



Caixa-de-memórias - fotografias. 2018. Fotografia. Arquivo pessoal.

Esses registros foram abrigados em pequenos monóculos, conectados à retalhos de tecidos pendurados na parede, os quais o espectador tem que aproximar-se e segurá-los rente ao olho, para poder ver as imagens através da suas lentes de aumento.

O que vemos só vale - só vive - em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha. Seria preciso assim partir de novo desse paradoxo em que o ato de ver só se manifesta ao abrir-se em dois. Inelutável paradoxo. (DIDI-HUBERMAN, 1998, pg. 29)



Retalhos. Natal. 2018. Fotografia de fotografia antiga sobreposta no local da foto original. Arquivo pessoal.



Retalhos. Quatro gerações. 2018. Fotografia de fotografia antiga sobreposta no local da foto original. Arquivo pessoal.



Retalhos.Papa-areia. 2018. Fotografia de fotografia antiga sobreposta na paisagem. Arquivo pessoal.



Retalhos. Morro Pelado. 2018. Fotografia de fotografia antiga sobreposta na paisagem. Arquivo pessoal.

O artista e também paleontólogo paraibano José Rufino⁹ desenvolveu sua trajetória artística com poesia, poesia-visual, arte-postal, desenhos, esculturas e instalações. Passando sua vida entre cidade, engenho e fazenda, as experiências vivenciadas pelo artista nesses diferentes ambientes ajudaram na criação de um vasto repertório onde se inspira e utiliza de elementos da natureza, mobiliários, documentos de família e de instituições para criar suas obras. As lembranças do avô e do mundo rural em que transitava formam as principais matérias-prima em seus trabalhos artísticos. Os conceitos de memória e esquecimento tem forte presença em seus trabalhos.



Divortium Aquarum, 2011. Barcos e garrafas com água de rios. Acervo do artista.

Sobre a obra *Divortium Aquarum*, exposta no CCBB/Rio de Janeiro em 2012, Marisa Flórido publicou no jornal O Globo:

Os gregos possuíam uma figura para memória, Mnemosine, e outra para o esquecimento, Lete. (...) Rufino

acolhe a heterogeneidade e o segredo nos arquivos que reúne. Pois são memórias e esquecimentos das águas, das cidades e das casas, dos barcos e de seus argonautas do artista e do espectador. tão variados quanto mesclados difusos e incertos o comandante sabe que não possui a decifração daqueles rastros, o segredo dos marujos, das marés e das gaivotas. Que memórias e ficções se confundem, que esquecimentos e fantasmas perturbam das sombras e dos recalques. Mas é nessa indistinção e fuga das águas que a imaginação trabalha e a arte sonha além Mares. Onde Mnemósine faz reviver onde Lete faz reinventar. (FLÓRIDO, Marisa. 2012)

Em *Faustus*, talvez sua maior e mais complexa obra, o artista recriou uma espécie de esqueleto humano, um trabalho *site specific* para os salões do Palácio da Aclamação, em Salvador. Utilizando-se de gesso, mobiliários antigos, tábuas, Rufino criou moldes em grande escala de ossos humanos, agregando as peças dos móveis como partes anatômicas. A obra atingiu os 22 metros, além de contar com uma trilha sonora tocada no piano de cauda do Palácio.

⁹ Nome artístico que homenageia seu avô José Rufino.

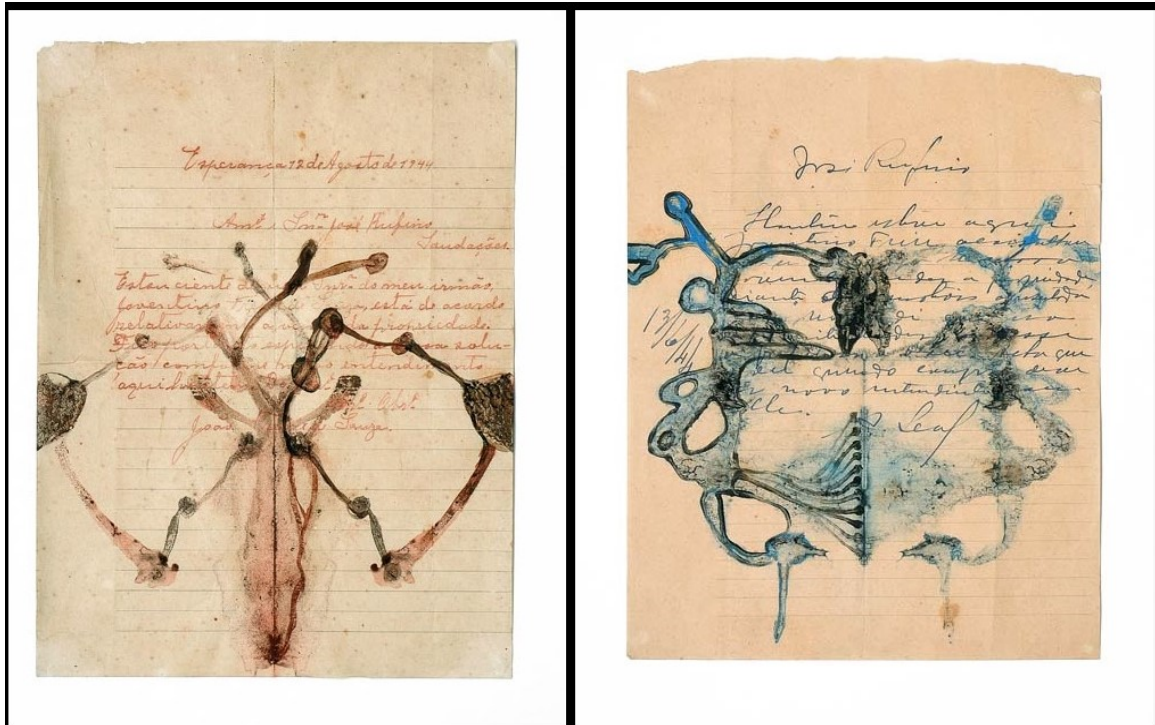


Faustus, 2010. Vista da instalação. Palácio da Aclamação, Salvador, Bahia. Gesso, partes de móveis antigos (volutas, pernas de mesas), mesa e cadeiras antigas, tábuas e trilha sonora. Acervo José Rufino. Foto: Márcio Lima.



Faustus, 2010. Detalhe da instalação. Gesso, partes de móveis antigos (volutas, pernas de mesas), mesa e cadeiras antigas, tábuas e trilha sonora. Acervo José Rufino. Foto: Márcio Lima.

Já em *Cartas de Areia*, Rufino faz uma série de desenhos, monotípias e diversas intervenções em correspondências que descobriu de seu avô, em 1984. Interferindo primeiro com desenhos sobre os envelopes e depois sobre as próprias cartas herdadas pelo artista. Em 1990, morando em São Paulo, foi o período de maior produção desta série.



Da série de desenhos *Cartas de Areia*, 2000. Têmpera sobre carta de família. Monotípias à maneira do psicanalista Rorschach¹⁰ modificada. Coleção particular. Foto Edgard César.

¹⁰ O teste de Rorschach é uma técnica de avaliação psicológica pictórica, desenvolvida pelo psiquiatra e psicanalista suíço Hermann Rorschach (1884-1922). O teste consiste responder sobre com o que se parecem as dez pranchas com manchas de tinta simétricas. A partir das respostas, procura-se obter um quadro amplo da dinâmica psicológica do indivíduo.

Correspondências Finais

Em algum momento vi de cima, olhando, só. Mais do que rios, li padrões do que virei. Fui e voltei de mim, com cicatrizes sim. Mas com bagagem que não tem preço. Ao enxergar só bem, e me assustar com o mal, eu me envelopei, virei cartão postal. Pra alguns, ponto de luz, pra outros irreal. Alma de sonhador, no mundo digital. Vou até onde eu aguentar. Vou até quando me derrubar. E levanto. Leve ando.¹¹



Postais. 2018. Detalhe. Arquivo pessoal.

Quando estamos viajando e nos lembramos de alguém, queremos compartilhar um pouco desse lugar e momento com outra pessoa. Escolhemos um bonito postal, que represente o local e também a nós mesmos. Em umas poucas linhas, dedicamos ao destinatário um momento de nossa vida, um pedaço de paisagem, um punhado de sentimentos.

¹¹ Cartão Postal. Scalene, 2017.

Uma série de postais com as imagens dos trabalhos expostos aqui, inspirada nas memórias e histórias, cartas, fotos e viagens, finaliza este trabalho. Ou dará continuidade à ele.

Fragmentos de vida que sempre me acompanharam, agora impressos em forma de cartões-postais, estarão suscetíveis a acompanhar outras vidas e histórias, a circular por outros lugares através das mãos das pessoas. Sendo guardados em suas próprias caixas-de-memórias como lembrança de um momento, ou, instigadas a escrever e repassá-los, enviados à outras pessoas. Tecendo uma rede de infinitas possibilidades e entrelaçamentos de memórias, histórias e vidas.

Com essa reflexão final, me questiono: será que as memórias tem fim? Será que em algum momento elas se extinguem, ou apenas vão tomando diferentes formas conforme pessoas e tempos passam por elas?

Acredito que este trabalho seja uma tentativa de perdurar algumas das memórias que tenho. E, concomitantemente, criar uma nova. Um inventário de memórias.

Referências

- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes. 2002.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34. 1998.
- FLÓRIDO, Marisa. Para onde fogem as águas: Artista e paleontólogo paraibano José Rufino expõe memórias de barcos, vivências e sonhos. O Globo, Segundo Caderno, Rio de Janeiro, 12 de março 2012.
- IZQUIERDO, Iván. Memórias. Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 89-112, ago. 1989. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200006
- PESSOA, Fernando. "Na casa defronte". In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944.
- RUSH, Michael. Novas mídias na arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- <https://en.wikipedia.org/wiki/Mary_Lucier> Último acesso em 11 nov. 2018
- <<http://www.joserufino.com/site/wp-content/uploads/2011/04/globo22.pdf>> Último acesso em 15 nov. 2018
- <<http://www.joserufino.com/site/wp-content/uploads/2011/04/Astier-Basilio-Faustus1.pdf>> Último acesso em 15 nov. 2018
- <<http://www.joserufino.com/site/obras>> Último acesso em 15 nov. 2018
- <<http://www.joserufino.com/site/biografia>> Último acesso em 15 nov. 2018
- Músicas:
- PAOLA KIRST. Olívia. Porto Alegre: Escápula Records: 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J905Tu5P148>> Último acesso em 17 nov. 2018.
- SCALENE. Cartão Postal. Brasília: SLAP: 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L6Nykky-GJM>> Último acesso em 12 nov. 2018

